

Dom Francisco António Solha, Organeiro de Guimarães

Segundo certos arquivos, no ano de 1759 Francisco António Solha, ou Solla, estabeleceu uma oficina na Rua da Fonte Nova, em Guimarães, onde casou em 1771. O seu testamento tem a data de 1794 ⁽¹⁾. É provável que Solha tenha chegado a Portugal vindo da Espanha, talvez da Galiza, em virtude da inscrição deixada em três cartuchos do órgão que ele completou em 1786 para a Igreja de S. Martinho, da Irmandade Beneditina de Tibães:

Francisco Antonio Solha, vice-consult de Hesp. por S. Mag. Cath.

isto é: Francisco Solha, vice-cônsul da Espanha, por determinação de sua Majestade Católica.

O seu trabalho na Sé Catedral de Lamego parece ter começado antes do ano de 1755. Entre esta data e a altura em que estabeleceu a sua oficina na cidade de Guimarães (no ano de 1759), é possível que trabalhasse como organeiro ambulante, viajando de terra em terra. Na inscrição deixada no órgão de Tarouca é referido como Dom Fr.º Ant.º Solha. É possível que também tenha morado em Braga por algum tempo e durante os trabalhos de construção dos órgãos das igrejas de S.ª Cruz e de S. Vicente.

Parece que este organeiro deixava sempre uma inscrição nos someiros dos órgãos que construira. Algumas dessas inscrições, geralmente em couro, foram removidas ou cobertas por construtores posteriores. Outras, no entanto, permaneceram intactas, como por exemplo a inscrição do órgão, actualmente arruinado, do mosteiro cisterciense de S. João de Tarouca: ⁽²⁾

(1) A. L. de Carvalho, *Os Mesteres de Guimarães*, Vol. 5, 1944, p. 83.

Também há referências no *Livro das Obras da Misericórdia de Guimarães*, ao organeiro D. Francisco Solha... (Cf. nota 24).

(2) Mosteiro de S. João de Tarouca. É mencionado nos documentos do ano de 1119. 'Formado de novo' no ano de 1138 pelos monges cistercienses claravalen-

*Para Honra e Louvor de Deus, Maria Santíssima,
seus Santos mandou fazer Por mim Dcm
Francisco Antonio Solha.*

*Esta Obra o R.^{mo} Snr. Fr. Felix de Castel-Branco
sendo Abade deste Mosteiro. Feito no anno de 1767 (³).*

Além de inscrições em (ou) dentro dos próprios órgãos, existe vária outra documentação que regista o seu trabalho. Também os seus órgãos, com poucas excepções, são semelhantes, e a não ser que tivessem sido modificados posteriormente por algum 'restaurador', é bastante fácil o seu reconhecimento. Esta é a lista do que se atribui à obra de Solha:

1. Dois órgãos para a Sé Catedral de Lamego, construídos durante os anos de 1755-1757.
2. Órgão para a igreja de S. Domingos de Guimarães, 1758.
3. » » » S. João de Tarouca, Tarouca, 1767.
4. » » » N.^{sa} S.^{ra} da Esperança de Ladário, Satão, 1768.
5. » » » S. Miguel de Refoios, Cabeceiras de Basto, 1770.
6. » » » S.^{ta} Marinha da Costa, Guimarães, 1778.
7. » » » Misericórdia, Guimarães, 1780.
8. » » » S. Martinho, Tibães, 1785.
9. » » » das freiras dominicanas, Guimarães, c. 1775.
10. » » » S. Vicente, mas extensivamente modificado, talvez por Carvalho, de Guimarães, século XIX.
11. » » » do Mosteiro de S.^{ta} Clara de Vila do Conde, c. 1775.
12. » » » S.^{ta} Cruz, Braga.

ses. Mais tarde, no ano de 1152 ou 1153, estes monges passaram para o mosteiro novo, de D. Afonso I, de Alcobaça.

(³) A inscrição é dividida a meio. Nos órgãos portugueses os teclados e os someiros são divididos na secção do baixo, abrangendo DO-Do', isto é C-c''' (c de médio=c'), e na secção do soprano que começa do elevado de meio tom, isto é, c'. Em consequência a inscrição está assim dividida: '*Para Honra...*' no someiro baixo; '*Esta Obra...*' no someiro do soprano.

13. órgão para a igreja de S. Francisco, Porto, não o da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, mas o da capela, perto desta igreja. (Não pude examinar este órgão. Contudo tem todas as características dos trabalhos de D. Solha).

É possível que Solha também tivesse construído o órgão da igreja de S.^{ta} Clara do Porto, actualmente arruinado⁽⁴⁾. Mas, devido à ausência de palhetas 'en chamade', isto é, dos tubos horizontais, é mais provável que seja trabalho do padre Lourenço da Conceição, religioso da Ordem de S. João Evangelista e também construtor dos órgãos da Sé Catedral do Porto, da igreja do Salvador, em Braga, e, talvez, do órgão pequeno do mosteiro de Tentugal, Coimbra, etc.

Vejamos agora em detalhe alguns dos órgãos construídos por Dom Solha, começando pelo da Catedral de Lamego. Dos dois órgãos, o da Epístola é o menor e foi o primeiro a ser construído. Os documentos existentes registam os seguintes pagamentos⁽⁵⁾: 96.000 reis em 19 de Janeiro de 1755; 32.000 reis em 17 de Maio e 50\$000 reis em 24 de Junho do mesmo ano.

O órgão parece ter sido concluído em 22 de Julho de 1755. Contudo, acho o período de Janeiro a Julho muito curto para se construir até mesmo um órgão modesto, o que me leva a supor que a obra deveria ter começado antes de 1755. Além disso, o primeiro pagamento recebido pelo carpinteiro António Mendes Coutinho foi feito no dia 29 de Abril de 1754.

O cartucho da caixa do órgão do Evangelho é datado de 1753, e devido aos factores já mencionados, concluo que o trabalho deveria ter começado em fins de 1752. Suponho, assim, que os documentos correspondentes à obra nos anos de 1753-4 se extraviaram, uma vez que o recibo final de Solha refere um total de 860\$000 reis e os recibos existentes somente atingem o total de 178\$000 reis.

As especificações do órgão de Epístola são os seguintes:

(4) Existe no coro-alto desta igreja um outro pequeno órgão, original, também arruinado, de construtor anónimo.

(5) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, *Livro 42 da Mitra da Sé de Lamego*, fols. 18r, (receitas), e 113r.

Registo da mão esquerda (isto é, do baixo) *Registos da mão direita (isto é, do soprano)*

cheio doce	pifaro (talvez, pifano)
vintedozena	22 ^a
nazardos	dozena
oitava real	oitava real
baixão real	flauta travessa
trompa real	clarim
cimbala	dulçaina
dezenovena	cheio de cimbala
dozena	15 ^a e 19 ^a
onissonos d'oitava real	8 ^a real
flautado de 12 flautado	corneta
dulçaina	flautado de 12
	oboé

O teclado, vai do Dó (do baixo) até Ré''' (do soprano, C-d'''), e abrange 51 notas.

Actualmente este órgão está em péssimas condições. Todos os tubos foram tirados, e é provável que muitos deles fossem aplicados na substituição dos tubos que desapareceram do órgão do Evangelho.

O custo do órgão do Evangelho, segundo o *Livro das Receitas e Despesas*, atingiu 1.100\$000 reis. Existem dois documentos que acusam o recebimento por Solha de 1.040\$000 reis por trabalhos referentes a este órgão ⁽⁶⁾. Não se sabe, porém, se seria o construtor que devia fornecer à sua própria custa os materiais necessários ou se as despesas eram custeadas pela Sé. Nos documentos da Sé Catedral só existe esta referência: «Custo de ferragem para o segundo órgão de seis 48.120 reis» ⁽⁷⁾ que provavelmente diz respeito ao órgão de eco, de seis palmos ⁽⁸⁾. Outros documentos registam seis pagamentos ao carpinteiro Coutinho pelo seu trabalho nas caixas dos órgãos ⁽⁹⁾:

⁽⁶⁾ *Livro 42 da Mitra...* fols 12v, 13r.

⁽⁷⁾ *Op. cit.*, fol. 115r.

⁽⁸⁾ Órgão de eco. Nos órgãos portugueses é o órgão auxiliar. Os registos do órgão de eco são mais doces do que os do órgão principal.

⁽⁹⁾ *Livro 42 da Mitra...* fols. 109v, 110r, 111v, 112r, 115r., também um pagamento ao carpinteiro Ant.º Mendes Coutinho consta a fol. 10v, desse livro, mas de papeis avulsos.

24.000 reis em 29 de Abril de 1754
 100.000 reis em 28 de Abril de 17... (?)
 100.000 reis em 9 de Setembro de 17... (?)
 12.000 reis em 3 de Novembro de 17... (?)
 50.000 reis em... (?)

Através de documentos descobriu-se que Coutinho era empregado da Catedral, executando diversos trabalhos num período de 20 anos talvez ligados às modificações do edifício, que começaram em Fevereiro de 1746 e não terminaram antes de 1761. Estas alterações foram concebidas, e provavelmente fiscalizadas, pelo arquitecto italiano do Porto, Nicolau Nasoni, que também pintou o tecto⁽¹⁰⁾.

Voltemos agora ao órgão do Evangelho. No someiro do órgão principal, Solha deixou esta inscrição em pelica:

*P. Honra e Gloria de Deos e de Maria Santissima
 Senhora N. Mandou fazer este órgão o Ex.^{mo} e Rm.^o
 Snr. D. Fr. Feleciano de N. Snr. e Bispo deste Bispado por mim
 Francisco Antonio Solha, esto foi no Anno de 1757.*

Em 1830 um construtor de Guimarães trabalhou neste órgão. Chamava-se Luís António de Carvalho e dirigiu uma oficina na Rua de Mata Diabos⁽¹¹⁾. Pagaram-lhe 12\$000 reis por dois dias de viagem e três dias de trabalho, 3\$000 reis pelo aluguer de um cavalo, e 5 dias a um operário à razão de 280 reis por dia⁽¹²⁾. Regista-se esta obra desde 15 de Dezembro de 1829 até Maio de 1830. Mas nada se sabe quanto ao tipo de trabalho, e ao seu custo total. Carvalho também deixou esta inscrição no órgão:

*P. Honra e Gloria de Deos e de Maria Santissima Senhora
 N. mandou fazer este digo compor este órgão, o Illmo
 Cabido em Sede Vacante por mim Lois António de Carvalho
 natural de Guimarães no Anno de 1830.*

(10) R. C. Smith, *Nicolau Nasoni*, Lisbon, 1973, p. 43.

(11) A. L. de Carvalho, *Os Mesteres de Guimarães*, Vol. 5, 1944, p. 85.

(12) João Amaral, 'Impressões de arte e os órgãos da Sé de Lamego', *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, Abril 1962, p. 124. Ver também de L. A. Esteves Pereira, 'Os órgãos da Sé de Lamego' *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, Dez. 1969, pp. 380-381.

O órgão foi consertado outra vez em 1889 por um italiano chamado Nicoli Blazi, e em 1940 Didier Ferreira e Ventura Jesus trabalharam nele, deixando-o em más condições e com apenas poucos registos que funcionavam. Restaurou-se completamente durante os anos de 1970-1974. Metade do custo total de 700.000 escudos foi subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, e as obras foram realizadas por Sampaio, de Lisboa, estando assim assinaladas:

Este órgão com 1408 tubos, foi construído em 1753 por Francisco Antonio Solha e mandado restaurar em 1974, pela Direcção dos Monumentos Nacionais com participação da Fundação Calouste Gulbenkian, sendo Arcebispo-Bispo da Diocese D. António de Castro Xavier Monteiro e Prior de Sé-Catedral Monsenhor Anibal Rebelo Bastos. Fizeram a obra João Sampaio (Filhos) de Lisboa.

As especificações deste órgão são:

ÓRGÃO PRINCIPAL

registos de mão esquerda

baixão
nazardos 4V
trombeta real
cimbala 3V
flautado de 6
cheio 3V
dezenovena
violão
quinzena
dozena
oitava real
flautado de 12 aberto
dulçaina
n. m. t. (falso)

registos de mão direita

flautado de 24
flautim
cimbalo 3V
cheio 4V
violão
quinzena
dozena
flauta travessa
oitava real
corneta 6V
clarim
trombeta magna
flautado de 12 aberto
oboé
dulçaina

ÓRGÃO DE ECO

bordão de 6
oitava eco

clarinette eco
corneta eco 5V

Há dois teclados, de 51 teclas. Cada teclado abrange Dó-ré"', isto é, C-d'''. O número total de tubos é de 1408, correspondendo ao órgão principal 1176 e 232 ao órgão de eco. A disposição, ou proporção harmónica dos registos dos misturos, também chamados jogos, é a seguinte:

registos de mão esquerda

nazardos de 4 vozes: 12.15.17.19
cimbala de 3 vozes: 29.33.36
cheio de 3 vozes: 29.33.36

registos de mão direita

cimbalo 3 vozes: 15.19.22
cheio 4 vozes: 8.12.15.19
quinzena 2 vozes: 2.2
corneta 6 vozes: 8.8.12.15.17.19
corneta eco 5 vozes: 8.12.15.17.
.19

Está hoje em excelentes condições, tem um som esplêndido e constitui exemplo importante na tradição portuguesa da construção de órgãos.

Os órgãos das igrejas de S. Domingos de Guimarães e de S. João de Tarouca estão hoje impraticáveis. O primeiro foi construído em 1758 por Solha, e tinha 33 registos e 2 teclados. A actual fachada deste órgão foi conjugada para exposição na época da restauração da igreja, mas os tubos não são típicos daqueles que Solha construiu. Antigas fotografias do interior da igreja mostram a caixa do órgão em más condições; porém com os tubos originais⁽¹³⁾. Não sabemos o que aconteceu a esses tubos, mas em qualquer dos casos a sua perda é lamentável. O interior da caixa está vazio. No sómeiro do órgão de S. Domingos encontra-se a seguinte inscrição:

(No da mão esquerda)

*Para honra e gloria de Deos e
de Maria Santissima Senhora
do Rosário sendo Prior deste
convento, por mim
Francisco Ant^o*

(No da mão direita)

*nossa mandou fazer o
Muito Reverendo P.^o Frei Bento
nio Solha, Anno de 1758.*

(13) *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 108, 'Igreja de S. Domingos', estampas 29 e 49.

Encontramos semelhante inscrição no órgão construído por Solha na igreja de S. João de Tarouca, em 1767:

(No someiro de mão esquerda) (No someiro de mão direita)

<i>Para Honra e Louvor de Deus, Maria Santissima, seus Santos mandou fazer Por mim Dom Francisco Antonio Solha</i>	<i>Esta Obra o R.^{mo} Snr. Fr. Felix de Castel-Branco sendo Dom Abade deste Mosteiro. Feito no anno de 1767.</i>
--	---

Este órgão possuía um único teclado, de 47 teclas; porém continha um órgão principal e também mais um órgão de eco. Dele muito pouco resta, à excepção da caixa e da fachada em estilo Rococó, e a consola que está em péssimo estado.

Os órgãos que foram construídos por Solha, segundo se afirma, nas cidades do Porto e de Braga, apresentam um problema. Devido a dificuldades para se entrar no balcão do órgão não se pôde examinar detalhadamente o da capela de S. Francisco, do Porto, junto à igreja da Venerável Ordem Terceira. O estilo é, inconfundivelmente, o de Solha. Na igreja de S.^{ta} Clara do Porto parece-me que ambos os órgãos, isto é, o órgão autêntico e o órgão falso, foram construídos por Dom Solha, ou, talvez, pelo organeiro Manoel Lourenço da Conceição. Mas estes órgãos estão em mau estado, deles restando somente as caixas e os tubos das fachadas. Em consequência, não me foi possível identificar o seu construtor. As especificações do órgão de S.^{ta} Clara são:

<i>registos da mão esquerda</i>	<i>registos da mão direita</i>
...bala (?recimbala)	vintedozena
quinzena	quinzena
dozena	8 ^a real
8 real	?
clarão	pifano
flautado	flauta travessa
baixão	corneta
	flautada
	clarim

Este órgão tinha dois pedais, mas o teclado, todos os tubos interiores e outras peças foram retiradas em época para nós desconhecida.

O órgão da igreja de S.^{ta} Cruz, em Braga, também parece ser trabalho de Dom Solha; de certeza sabemos que a talha do coro foi feita

por António Marques em 1742, e é lógico supor que o órgão foi instalado naquela mesma época. Na igreja de S. Vicente, da mesma cidade, encontra-se outro órgão, talvez construído por Solha, mas bastante modificado posteriormente, talvez pelo Carvalho de Guimarães no século XIX. O balcão do coro e a caixa do órgão foram construídos por Carlos Amarante em 1769⁽¹⁴⁾. É provável que o órgão também date deste período. Os seguintes dados técnicos podem ser dignos de menção:

Registos do órgão de S.^{ta} Cruz em Braga:

simbala clara	quinzena, e dezenovena
dozena	corneta
tapadinho	oitava real
flautado de 12	flauta
cheio	clarim
dezenovena	inglesa (corneta inglesa?)
quinzena	oboé
flautado de 6	simbala
baix'am	dozena
clarim magna	pifano
	flauta travessa
	flauta de 12

O compasso do teclado deste órgão é Dó-fá''' isto é, C-f'''. As teclas brancas são de osso, e os bemóis e sustenidos de madeira preta.

As especificações do órgão de S. Vicente de Braga são as seguintes:

registos de mão esquerda

?
clarom
quinzena
tapadilho
bordão
?
?

registos de mão direita

tremolo
cheio
dezena
dezena
quinzena
corneta
flautim
flautado de 6
flauta doce
flautado de 12

(14) Igreja de S.ta Cruz de Braga, (Beneditina), começou c. 1625. O interior foi desenhado por Fr. José Santo Ant.º Vilaça e executado por Bernardo da Silva no ano de 1775.

Parece que seis dos registos originais foram tirados do órgão em ignorada época, e o teclado actual parece ter sido de um piano. Tem compasso de Dó-ré''', (C-d''').

Numa igreja pequena, na aldeia de Sátão, perto de Viseu, encontra-se uma jóia preciosa, construída em 1768 por António Solha. É o menor dos órgãos construídos por ele e tem a sua inscrição num lado da caixa:

D. Francisco Ant^o
Solha
O Fes
Anno 1768

Reconhece-se ser original, e o colorido da caixa e da fachada combinam-se admiravelmente com o do interior da igreja. As especificações deste órgão são:

19. ^a em 15. ^a	corn. ^{ta} Inglesa
15. ^a em 8. ^a	15. ^a e 19. ^a
12. ^a em 5. ^a	12. ^a e 15. ^a
8. ^a Real	8. ^a Real
Flaut. ^o de 12	Flaut. ^o de 12
Dulçaina	Decim. ^a bel. ^a

O teclado tem 45 notas, de DÓ-LÁ, e LÁ-Dó''', isto é, CDEFGA-c'''. Há dois pedais auxiliares.

Os documentos do mosteiro beneditino de Cabeceiras de Basto não são completamente explícitos no que respeita à construção do novo órgão desta igreja, que rivaliza com o de Tibães. Os relativos ao mosteiro de Tibães e respeitantes a 28 de Abril de 1770 simplesmente declaram que a caixa do órgão que estava em construção era para ser colocada em posição, e também que o órgão construído em Guimarães estava terminado e fora feito um requerimento a fim de se conseguirem fundos para custeio dos transportes ao mosteiro ⁽¹⁵⁾. A primeira referência é, possivelmente, ligada à construção do órgão falso, cujo cartucho indica o ano 1771. Um documento datado de 28 de Agosto de 1773 menciona a conclusão das duas caixas e do balcão do coro, mas é possível que fizessem uso do órgão antes dessa data. As

(15) Arquivo Distrital de Braga, Braga; *Estados da Congregação de S. Bento*, n.º 133, anno de 1770, páginas sem número.

próprias caixas, e, provavelmente, todo o coro foram desenhadas por Frei José António Santos Vilaça, arquiteto beneditino e entalhador, constituindo uma parte de um grande projecto que envolveria a igreja e a vivenda do mosteiro ⁽¹⁶⁾. Estas obras em Cabeceiras de Basto mostram Vilaça no apogeu e são uma demonstração da influência dos desenhos e estampas de Augsburg sobre os seus planos ⁽¹⁷⁾.

Segue-se a lista dos registos do órgão de Cabeceiras de Basto:

ÓRGÃO PRINCIPAL

<i>registos de mão esquerda</i>	<i>registos de mão direita</i>
n. m. t. (falso)	? (cheio)
resimbala	simbala
visesimasegunda	resimbala
decimanona	vigesima segunda
decimaquinta	decimasegunda e quinta
decimaquinta e oitava	oitava real
decimasegunda e quinta	pifano
nazardos	segunda flautada de doze
oitava real	corneta real
trombeta real	voz humana harmónica
tapadinho	flauta napolitana
rabecão	flauta travessa
flautado doze	primeiro flautado de doze
segunda flautado doze	trombeta real
ecos claros	clarim
bajoncilho	obué
?	voz humana bélica

ÓRGÃO DE ECO

dulçaina de eco	dozena de eco
violão de eco	flautado de eco
oitava real de eco	corneta inglesa de eco
decimaquinta e oitava de eco	décima segunda de eco
decimanona quinta de eco	flautado violão de eco
decimasetima e terceira de eco	flautim de eco

⁽¹⁶⁾ Arquivo Distrital de Braga, Braga, *Lembranças das Obras, Frei José Vilaça*, (foi escrito no anno 1782), *Congregação de S. Bento*, n.º 728, p.º s.n.

⁽¹⁷⁾ Carlos de Azevedo, *Baroque Organ-Cases of Portugal*, Amsterdam, 1972, p. 18.

O compasso dos dois teclados compreende o DÓ no baixo. Tem 47 teclas e uma variedade de pedais auxiliares. Três estátuas, que representam a Fé, Esperança e Caridade, coroam a fachada do órgão; no órgão falso foram colocadas estátuas a representar as virtudes da Religião, Valor, e Concórdia, e é bem possível que Vilaça se inspirasse nestes símbolos, aparentemente usados pela primeira vez em caixas de órgãos portugueses como se vê nos órgãos construídos por Simão Fontanes, monge de Santiago de Compostela, na Catedral de Braga, nos anos de 1737-1738 ⁽¹⁸⁾.

O órgão da igreja de S.^{ta} Marinha da Costa, de Guimarães, que em tempos passados foi um instrumento impressionante, tem sofrido muito às mãos de construtores posteriores que pretendiam converter o órgão de eco português tradicional num quase *brustwerk*, de estilo alemão.

O resultado foi um desastre absoluto! Porém, este é um dos órgãos cujo construtor foi Solha, pois existe cópia do respectivo contrato ⁽¹⁹⁾. O documento é muito interessante uma vez que nos informa das condições estabelecidas entre o construtor e o convento da Costa. Essas condições são, provavelmente, representativas da maioria dos contratos para órgãos novos do século XVIII em Portugal. O órgão custaria 3.500 cruzados, mais a soma de 20\$000 reis do custo da ferragem. Não fornecem detalhes deste último, mas talvez se refira à instalação. O seu custo deveria ser dividido em três partes: um primeiro pagamento a ser feito ao construtor no começo das obras, e logo, normalmente, um segundo na altura em que o trabalho estivesse em meio, sendo o restante liquidado logo que se completasse o trabalho, o que foi aceite pelos monges. O mosteiro deveria fornecer toda a madeira, já cortada segundo os planos do construtor. Este deveria também aceitar os tubos do órgão velho como parte do pagamento do instrumento novo, à razão de 10 reis por quilo de metal. O construtor tinha que fornecer o resto dos materiais, inclusive a madeira que o mosteiro não tivesse possibilidades de conseguir.

A alimentação e as bebidas para o organeiro e seus assistentes, de conformidade com a posição social de cada um, ficaram a cargo do mosteiro. As dimensões dos 4 jogos de foles deveriam ser de 10 palmos de comprimento por 5 palmos de largura. O órgão deveria

(18) Os órgãos da Sé Catedral de Braga contêm nos seus someiros as inscrições que referem a sua construção.

(19) Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães, *Livro de Notas*, 191, B-14-215, fols. 128v-130r.

conter 2216 tubos, excluídos os tubos para os tambores. Incluindo-se estes, o número atinge 2220. Os pagamentos deveriam ser feitos no Natal, na Páscoa, e na Festa de S. João. O construtor faria ao mosteiro uma hipoteca para garantir a conclusão das obras, e se não cumprisse o contrato pagar-lhe-iam somente a porção de trabalho realizado.

Originalmente, o órgão foi dotado de 2 teclados, mas um deles foi tirado durante uma das desastrosas restaurações. O teclado que ficou tem 51 notas, DÓ-mi''', isto é, C-e'''. Na secção dos baixos do someiro lê-se a seguinte inscrição de um construtor do século dezanove que trabalhou no órgão:

*Foi rectificado
Luís Ant^o de Carval^o Guim^{aes}
No anno de 1816.*

No painel das varas da redeiça, entre o pseudo-brustwerk e o someiro do órgão principal, está inscrito:

*António Luís Gomes José de Renduffe
Agosto De 1879.*

Deste modo não se sabe qual desses restauradores foi o responsável pelas maiores e irreflectidas alterações no órgão. O órgão principal parece ter sempre constado de 14 registos do baixo e 15 registos do soprano. Actualmente muitas das etiquetas estão ilegíveis:

registos de mão esquerda

clarim
fl^{to} de 24
Baixão
dozena

registos de mão direita

marinha
fl^{to} de 24
trombeta
clarim
fl^{ta} travessa

Eis uma lista dos registos originais do contrato do mosteiro:

ÓRGÃO PRINCIPAL

(registos de baixo)

Flautado de doze ⁽²⁰⁾
oitava rial
Unizones
Tapadinho
Ducena
Quinzena
Dezenovena
vinteduzena
Cimbala
Recimbala
Nazardos
Flautado de doze
Flautado traberca
Flauta napolitana
oitava rial
Ducena

(registos de soprano)

Quinzena
dezenovena
vinteduzena
Simbola
Recimbola
Vos humana harmonica
Corneta rial
Belica
Trombeta rial
Bayxãozilho
Dulçayna
Trombeta rial
Voz humana bilica
oboe
Clarim

Registos do órgão de eco, na caixa

violão
oitava rial
Quinzena
Ducena
Dezesetena
Vintedozena
Flauta
Flautado de doze
oitava rial

Pifaro
Quinzena
Desenovena 2
Vintedozena Tres
Corneta inglesa cinco
Belico
Dulçaina
Clarim

⁽²⁰⁾ Todos os nomes dos registos e as referências aos documentos originais tem sido copiadas exactamente do contrato.

registos de órgão de eco, de fora da caixa

...bica (? rebeca)

violan

Flautim

Tambores: do la sol ré, e la mi ré

A secção que permanece do que era o órgão de eco, contém 8 registos, 4 baixos e 4 sopranos. As etiquetas dos baixos estão ilegíveis. Nas etiquetas dos sopranos constam:

dozena

flautim

fl^o de 12

clarinela

A caixa e o coro-alto parecem ter sido desenhados pelo já referido beneditino Frei Vilaça, embora este projecto não esteja mencionado nos seus arquivos. O órgão está actualmente em vias de reconstrução segundo as especificações do contrato original do organeiro de Famação, Luís Esteves Pereira.

Na capela do mosteiro de S.^{ta} Maria, de Vila do Conde, há um órgão grande, certamente construído por Dom Solha. Não há nenhuma referência à construção deste órgão nos documentos que existem deste mosteiro no Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁽²¹⁾. Há somente uma referência à sua afinação. O órgão tem a data de 1775. Um exame técnico dos tubos, teclados e registos conclue que o construtor foi Solha mas as etiquetas com os nomes dos 37 registos (19 de sopranos, 18 de baixos) estão desbotados de tal modo que não são identificáveis. Os tubos horizontais das palhetas 'en chamade' foram tirados e perdidos numa época desconhecida, mas o interior do instrumento pode ser restaurado. A caixa e a talha da varanda, em especial, são impressionantes e indicam que o desenhista foi Vilaça. O órgão tinha 2 teclados, de 52 teclas cada um, DÓ-mi^{'''}, (S-e^{'''}). Por cima dos teclados, está escrito:

LAUDATE EUM IN TIMPANO ET CHORO

LAUDATE EUM IN CORDIS ET ORGANO (do salmo n.º 150,
verso 4)

(21) Existem neste arquivo cinco livros das obras e das receitas e despesas deste mosteiro, numerados de 108-112.

O órgão do coro alto da igreja da Misericórdia de Guimarães está actualmente em péssimas condições. Parece ter sido, em tempos, modificado, talvez por Carvalho, já que o teclado e os puxadores dos registos não são os originais. O teclado actual abrange 45 notas, um muito pouco compasso para um órgão que considero tenha sido construído cerca de 1775. Há só esta referência nos documentos existentes:

(Pagos) «Ao Organeiro D. Francisco Solha . 600\$000 reis» ⁽²²⁾

A data mencionada é 1780. Esta quantia parece muito diminuta para construção de um órgão novo, o que nos leva a crer que o órgão não fosse obra sua e que talvez só o tenha consertado ou restaurado pela quantia referida. (Porém é de notar-se que Robert C. Smith afirma que o órgão foi construído por Solha em 1775). No mesmo documento que regista o pagamento a Solha, lê-se que foram pagos 1.829\$410 reis ao pedreiro Lourenço, e 772\$000 reis ao carpinteiro chamado Pedro Antunes, da Madroa ⁽²³⁾. O facto de vários entalhadores receberem diversas quantias ao mesmo tempo sugere que havia algum projecto importante relacionado com o órgão. Talvez os documentos se tivessem perdido ou os livros não contenham todas as referências. A caixa e o órgão falso foram desenhados por Frei José Vilaça. Este órgão falso foi desmontado recentemente após as obras realizadas, mas permanece intacto e à espera do projectado conserto do coro.

Em documentos anteriores existe esta referência ao órgão velho da Misericórdia no ano de 1664:

«O órgão da igreja está desafinado e com falta de algumas flautas com que faz notável dissonância e juntamente os foles estão rotos... e que de presente esta nesta vila um homem estrangeiro mestre afinador de órgãos... e porque a ocasião se não deve de perder, por virem semelhantes homens a este reino muito poucas vezes... pelo que por todos foi acordado se concertasse e afinasse o dito órgão.» ⁽²⁴⁾

Talvez que o dinheiro pago em 1780 a Solha e aos outros operários fosse pelo conserto ou pela restauração deste órgão velho.

⁽²²⁾ Arquivo da S.ta Casa da Misericórdia, Guimarães, cód. 497 C 3S34 fol. 22v.

⁽²³⁾ Ibid., idem.

⁽²⁴⁾ Arquivo de S.ta Casa da Misericórdia, Guimarães, Cód. 46V. Também, Carvalho, *Os Mesteres...*, p. 83.



É profundamente lamentável que o órgão construído em 1785 por Solha para a casa-mor dos beneditinos em Portugal esteja actualmente em tão péssimo estado. É indispensável tomarem-se urgentes medidas num próximo futuro para a sua preservação. Não se sabe nada do órgão anterior que existia na igreja de S. Martinho, sobre o qual há a seguinte referência em 1729, no *Livro das Obras de Tibães no ano de 1695*:

Concerto dos foles do organ	<i>Dei ao frei p Fr. Manoel, organista, q' veyo do Porto p.^a concertar os foles, e afinar o orgao ... (?) para seis pelas de carneira sete centos r's p.^a cada huma... dos e quarenta r's p.^a gastos... (?) seis centos r's p.^a aluguais de bestas de ida e vinda, mil e quatro centos e quarenta. Soma cada dois mil e nove centos e oitenta r's 002980 ⁽²⁵⁾</i>
--------------------------------	--

Recentes pesquisas confirmam que este órgão foi reparado por um organeiro Beneditino do Mosteiro de S. Bento da Vitória do Porto. Este artesão, Manoel de S. Bento, é descrito no seu obituário datado 15 de Março de 1757 como 'Donado Manoel de S. Bento, de Fermedo, bispado de Lamego', que penso ter construído ou reparado bastantes órgãos no norte de Portugal. Destes é possível confirmar apenas três, como tendo sido sua obra: o de S. Bento da Vitória (1719) (Arquivo Distrital de Braga, Congregação de S. Bento, 104, s. n.); o da Santa Casa da Misericórdia do Porto (o contrato é datado de 16 de Junho de 1732 no *Livro de Lembranças de Santa Casa da Misericórdia*, Porto, no. 4, fol. 557 v) e o trabalho no Mosteiro de Tibães. Vê-se o obituário de S. Bento no *Livro dos Óbitos de Paço de Sousa* (Mosteiro do Salvador) fol. 125 v. na Biblioteca Pública Municipal do Porto, códice 173 ⁽²⁶⁾. Há pouco conhecimento quanto à construção do órgão novo por Solha, mas um documento de 1786 regista:

⁽²⁵⁾ Arquivo Distrital de Braga, (A.D.B.) *Congregação de S. Bento, (CSB)*, n.º 460, s.n.

⁽²⁶⁾ É quase certo que os órgãos da Universidade de Coimbra, de Santa Maria de Arouca e da Sé de Viseu foram construídos por um outro organeiro de semelhante nome, chamado Manoel de S. Bento Gomes. Nos documentos da Sé de Viseu existe uma descrição dele como 'natural de Valladolid, Reino de Castella'. Neste mesmo documento este construtor é chamado também Manoel de S. Bento

Fesse todo de novo eum Orgão de vinte, e quatro com pluros registros, e se attentou em sua nova Caixa de talha, e p.^a melhor acomodação de m.^{mo} de desces as andar do Coro, p.^a o q̃ formou se na cap.^a de S.^{to} Amaro eum arc d Esteira (?) e sobre este por detras do Teclado se assentou o Orgão dos Eccos. Fessa a Varanda, e baçia, e tudo se dourou e pintou de Marmores. Fize-raõ-se tambem os fcles, e se solhou a casa dos mesmos, e na janela se pôs uia vidraça. (27)

Na inscrição completa que regista o trabalho de Solha, existente em três cartuchos na fachada do órgão, consta o seguinte:

Sendo D. Abb.^e G.^{al} da Congreg.^{am} o Rev.^{mo} P. M. Dor F. José Joaquim de S.^{ta} Teresa.

Fes este Orgão no anno de 1785

D. Francisco António Solha, Vice Consul de Hesp. por S. Mag. Cath.

O órgão parece estar quase na sua condição original, e é ainda possível preservá-lo. Há 2 teclados originais, com 53 teclas, de DÓ-mi''' (C-e'''); a madeira usada na construção é de castanho. Os nomes dos registros são os seguintes:

registos do baixo

Tapadilho
Flaut de 12
12.^a d Ec. (28)
12.^a d Ec.
15.^a
22.^a

registos do soprano

Cor d. Ing. d'Ec.
Vox hu(mana) armonica
Cornet
15.^a e 19.^a
8.^a RI d'Ec.
Flaut de Ec.

Gomes de Herrera; e por causa disto presume-se que ele e Benito Gomes d'Herrera que nos anos de 1719-1724 restaurou o órgão de Santa Cruz de Coimbra, foram a mesma pessoa. Daqui concluímos que viveram e trabalharam aproximadamente na mesma época em Portugal dois organeiros de nome bastante semelhante; o primeiro: Manoel de S. Bento (português e beneditino) terá trabalhado principalmente no Norte; o segundo: Manoel de S. Bento Gomes (Herrera) natural de Espanha, no Sul, (No Tratado 2.^o de Geometria Prática que existe na Biblioteca da Universidade de Coimbra vê-se que os órgãos dos Mosteiros de Santa Clara-a-Nova, Coimbra e da Batalha (hoje em dia nada mais resta deste último) foram construídos pelo Manoel de S. Bento, mas parece que este frei foi provavelmente Manoel de S. Bento Gomes.

(27) ADB, CSB, n.º 113, ano de 1786, p.s.n.

(28) d Ec. = do órgão de eco, isto é, dos registros que pertencem ao órgão de eco.

registos do baixo

8.^a Real
 Bajoncilho
 Silencio (n. m. t., ou falso)
 Nasardos
 19.^a d'ec.
 Viol d'A
 Rebecam
 Os nomes dos 12 registos são ilegíveis

registos do soprano

...utim...cos (Flautim de Ecos)
 Viol de Ec.
 12.^a
 Pifano
 ...imbla (subsimbala, ou resimbala, etc.)
 Flaut. trav(essa)
 Cla(rim)
 8.^a Real
 Recimbala
 Flaut. de 24
 Top.^a Mar.^{na} (Trombeta Marinha)
 Os nomes de 7 registos são ilegíveis

A caixa do órgão, e provavelmente todo o coro-alto, foi desenhada por Frei José Vilaça, e o carpinteiro foi Luís José de Sousa Neves, de Santo Tirso. O livro de contas de 1776 regista algumas despesas relacionadas com o trabalho: (29)

Sarralheiro p. ^a o orgaõ	Dei ao sarralheiro por vários ferros p. ^a o orgaõ que pesarase (?) quarenta e oito arrateis e tres quartar a noventa r. ^s arratel	04400 (reis)
O mesmo p. ^a o orgaõ	Dei ao mesmo sarralheiro por oito caravalhas e quatorze pregos de cabeça p. ^a o orgaõ	00400
Vacia do org. ^{ao}	Dei ao M. ^o Emxambrador Luis Daredede Sousa Neves de S. ^{to} Tirso peña vacia do orgaõ q. ^o tomou de empreitada	72000
Arame p. ^a o orgaõ	Dei p. ^a dezenove a arateis (sic) e quarta de arame grosso p. ^a o orgaõ	03510

(29) ASB, CSB, fols., 95r, 97v, 98v, 99r e 99v.

Pintura da caixa do orgão	Dei p. ^a a pintura e douramento de maior da cayxa do orgão. Vacía e baranda que se fez a jornal por varios preços	46100
Cayxa do orgão	Dei ao Mestre Entalhador João Bernardo da Silva assistente em Braga pela cayxa do orgão novo q. ^e fez de empreitada	1625000
O mesmo	Dei ao mesmo por eum acerreimo que fez na mesma cayxa do orgão: nasem mendar dos castellos e os lados	006550
O mesmo	Dei o mesmo por condução de algũas peças q. ^e não poderá vir no carro	00870
Veludo p. ^a o orgão	Dei p. ^a eum terca de veludo Cramezim de Italia p. ^a as teclas do orgão	00850

Há neste documento muitas outras referências que pertencem à construção do órgão novo; por exemplo, 'estopa... 325 (reis); arame... 400 reis; estopa dura... 320 reis...'.³⁰

Vê-se através dele que a talha foi feita por Bernardo da Silva, de Braga, mas o nome do pintor e dourador não aparece. É de crer que os projectos relacionados com o coro-alto e os órgãos das igrejas de S. Martinho, S.^{ta} Marinha da Costa, (Guimarães), e S. Miguel de Refoios, (Cabeceiras de Basto), talvez fossem inspirados nos dois órgãos construídos em 1737-1738 pelo frei franciscano de Santiago de Compostela, Simão Fontanes, mas em todas as três igrejas beneditinas só existiu um órgão genuíno. Até em Cabeceiras, o segundo órgão foi um instrumento falso. Na igreja de Tibães havia um órgão pequeno, construído perto do fim do século XVIII pelo organeiro Manuel de Sá Couto, de Lagossinha. Este órgão foi colocado no coro-baixo, mas posteriormente foi tirado e instalado na igreja de S. Marcos, Braga, (isto é, a igreja do hospital), onde hoje está em bom estado de conservação⁽³⁰⁾.

(30) Transferido de Tibães para a igreja de S. Marcos no século XIX.

É certo que no norte de Portugal existem muitos mais órgãos construídos por Dom Solha, de Guimarães. Em Braga, Guimarães, Porto, e outras localidades, existem órgãos monumentais, na tradição Barroca, e que se parecem muito com os órgãos construídos por Solha, (por exemplo, o órgão de S. Gonçalo de Amarante, em ruínas, mas construído por Simão Fontanes, ou por Solha, ou por um organeiro anónimo? Não sei ao certo!) Contudo, na ausência de documentos ou de inscrições nos órgãos, o nome dos construtores só é suspeitado, tendo em conta a aparência do órgão, as especificações e várias outras informações técnicas disponíveis.

Brisbane — Austrália

W. D. Jordan